

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO

**CATHOLICOS PORTUGUEZES!** pelo P.<sup>o</sup> Senna Freitas.—**COUSAS DA ACTUALIDADE**, pelo P.<sup>o</sup> Senna Freitas.—**SECÇÃO RELIGIOSA:** *Palidonia cantada por padres apostatas; Necrologio*, por um alumno do Real Collegio das Missões Ultramarinas; *Catholico, mas não clerical*, da Civiltá Cattolica.—*O clero na camara dos deputados*: Discurso de S. Ex.<sup>o</sup> Re.<sup>o</sup> o Sr. Dr. Pires de Lima, na sessão de 28 de Janeiro.—**SECÇÃO SCIENTIFICA:** *O Transformismo*, (conclusão) pelo padre F. Sanches.—**SECÇÃO LITTERARIA:** *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinués, versão livre de J. de Freitas; *A educação clerical e Mr. Rnan*, R. d'A.—**RETROSPECTO DA QUINZENA**, por J. de Freitas.—**ULTIMAS PUBLICAÇÕES**, por A. Teixeira.—*A Roma!* Aos leitores.

## CATHOLICOS PORTUGUEZES!

A Irlanda, a catholica Irlanda, que por tantas vezes tem sido a nação martyr, vê-se, na hora presente, a braços com uma fome horrivel. A pintura que d'ella fazem as gazetas d'aquelle paiz punge e aterra. Rara é a vez, affirma o *Tablet*, que não tragam a sinistra rubrica = «mais uma victima da fome». Para a caridade não ha fronteiras. O golpe que fere os nossos irmãos na fé não pode deixar de fazer sangrar nossos corações. Vöemos a soccorrer a Irlanda, a solidariedade christã é esta.

A redacção do *Progresso Catholico* faz n'este sentido um apello a todos os catholicos do paiz, e abre nas suas columnas uma subscrição destinada ao fim mencionado.

Toda a quantia será enviada á administracção da nossa folha em Guimarães, rua de S. Damazo n.º 30 a 34. D'aqui será remettida por via segura, ao Cardinal Arcebispo de Dublin, a fim de que elle faça distribuir pelos bispos das dioceses d'Irlanda as sommas remettidas, e estes se encarregarão de as fazer distribuir aos famintos por meio dos parochos.

Fazemos votos porque as redacções dos jornaes religiosos da nossa terra adoptem o mesmo alvitre, ou o que lhes parecer mais conveniente em identico sentido.

P.<sup>o</sup> SENNA FREITAS.

GUIMARÃES, 15 DE FEVEREIRO

## COUSAS DA ACTUALIDADE

### *Mouros na costa.*

Consta-nos de boa fonte que andam por ahi certos padres liberais a pescar em aguas turvas a ver se apanham uma mitra. Roçam a aza ao ministerio actual, fazem-se eleger deputa-

dos, tregeiteam amabilidades aos favoritos do paço, genuflectem nos degraus do throno, affectam um mutismo *evangelico* em face das parlendas *orthodoxas* de S. Bento, formulam, talvez, riso-nhas promessas, e do seio de tudo isso se exhala a sincera aspiração de Suas Reverencias a um dos bispados vacantes.

E' certo, e até de fé que os illustres candidatos podem ter razão nos vehementos desejos que acalentam de enfiar no dedo um anel d'amethista, e de se fazer acompanhar d'um caudatario. S. Paulo diz expressamente que «o que deseja o episcopado deseja um *boim onus*.» Só restaria uma pequena duvida, a saber, se é o *onus* que elles ambicionam, ou o esplendor. Deixamos a interrogacção suspensa entre o topete e a consciencia dos proponentes.

Nada de miragens, senhores padres liberaes. Em quanto Ss. Rev.<sup>o</sup> quizerem com Cavour e Montalembert uma igreja livre no Estado livre, a plena liberdade de cultos, e a abolição do celibato, em quanto optarem que seja reeditado o Syllabus e pautado pela pauta do liberalismo *soit disant* catholico, em quanto vincarem o sobrolho ao dogma da infallibilidade pontificia, enquanto se estadearem uns *Loysons* da vespera, e uns *Marets* possiveis d'amanhã, não aspirem a mitras, que não é o grande Oriente que as dá, mas Roma, e Roma não se deixa illaquear. Não fiem do mysterio em que envolvem os seus actos, nem da esponja do tempo que tem o coução de apagar os ves-

tigios do passado. Graças ao snr. Martius de Carvalho, do *Conimbricense* (*olympiada viva!*), e a mais alguém, a luz faz-se facilmente, logo que necessario se torne.

— — —  
O famigerado orador, o velho deputado, o ex-presidente da republica franceza, Julio Favre morreu ha poucos dias.

*Hélas*, morreu como vivêra. Deixa o gelo na lembrança dos que cá ficam.

Nascido catholico, quiz que o conduzisse á sepultura e o ritualisasse um pastor protestante. Escusava de ir incomodar um ministro de Luthero, podiam fazer-lhe o serviço funebre na *igreja-jinha-vaudeville* do snr. padre Jachinto, bairro de S. Diniz. Parece que o prestito foi pouco numerozo, e nem Gambetta tomou parte n'elle, por impossibilidade physica; jantava então no Eliseo. Julio Favre prohibiu que se discursasse junto á valla do seu tumulo; e tovia elle fallou tanto para fazer abrir tumulos!... De mais, o que é que se poderia perorar á beira da sua sepultura? a sua famosa phrase — «nem uma pedra das nossas fortalezas, nem uma polegada do nosso territorio» — ? Era uma ironia pungente que importava poupar aos restos mortaes do finado. Bem fez Favre em não querer nenias.

— — —  
O já historico artigo septimo da lei Ferry continúa a fornecer margem aos jornalistas, aos deputados e aos ministros catholicos da França para os mais judiciosos e incisivos commentos. Se não sahio como Minerva do cerebro de Jupiter, sahio, com certeza, como uma ineptia d'uma só peça, do cerebro do ministro Ferry. Fez epocha nos annos dos *coc-à-l'âne* parlamentares.

Esvaio para muito tempo o genio dos *patres-conscripti*. Operou uma paragem nos trabalhos ministeriaes, e lançou a França e o mundo na estupefacção que causam as grandes... aberrações da liberdade, quando sobretudo se commettem em nome da mesma liberdade.

O Duque de Broglie subiu á tribuna ultimamente para apreciar o celebre artigo. Homem d'Estado, e catholico, embora os seus actos como ministro tenham sido bem discutíveis e por vezes só hajam disparado em completos *fascos*, o duque de Broglie, que todavia possui o respeito de si mesmo e conserva as tradições da politica sizada, analysou e sopesou os argumentos dos defensores de Ferry bem como as intenções d'este e metheu bem fundo o dedo nas miserias moraes d'essa elocubração inepta e tyranica.

Ainda até aqui se não mostrara com tamanha precisão, dedem e firmeza o que são os senhores que se cobrem hoje com uma pelle de leão para representarem papeis de Cesares de baixa-Republica.

Ainda até aqui, segundo podemos affirmar pela propria leitura do discurso de Broglie, os direitos da liberdade christã e os da consciencia humana não tinham sido vingados com uma sobriedade mais energica, com um bom senso mais corajoso, e n'uma lingua mais genuinamente franceza.

A camara dos deputados, onde a necidade e a jactancia de tantos encyclopedistas d'illusão optica forjam, para uso dos francezes, leis á imagem e semelhança dos seus auctores, e onde o concelho municipal de Pariz, famoso cenaculo em que o pensamento-livre se embebeda de surrapa anti-clerical, levou de passagem o seu *recipe* opportunissimo, dos labios do orador.

Parece que se via por baixo da tribuna, no banco dos minis-

tros, um homem por nome Julio Ferry, que estava sobre alfinetes. Consta até que tentou por vezes interromper o duque de Broglie, mas a sua voz sumiu-se entre as mãos poderosas da dialectica do ministro, que o estrangulou e o deixou semelhante ao polvo a quem se morde na cabeça.

Pobre Ferry! elle vê-se horriavelmente entalado entre o martello e a bigorna, entre os homens da Igreja e os do pensamento livre que o tantalizam a poder de criticas hostis. Vê-se no meio de um fogo vivo, que parte do ultramontanismo na pessoa do padre Felix, do liberalismo catholico na pessoa do duque de Broglie, e do mesmo atheismo na pessoa de Littré. Para não arder e ficar carbonizado, é necessario que este senhor Ferry seja forrado de amiantho. *Pas de chance!* Estou que elle não recomeçará a proposta.

— — —  
A snr.<sup>a</sup> Ratazzi, ricaça de facto e princeza de nome, entendeu que eramos mal conhecidos até agora na Europa, e encarvoçou para ali uns poucos de cadernos de papel, que acabam de vêr a luz publica, sob o titulo de *Portugal à vol d'oissau*, Portugal visto a correr. Bem achado titulo! A obra d'ella é aquillo. E' a descripção de Portugal visto a todo o correr, n'um *expresso* de New-York que despeja vinte legoas por hora; é o conspecto do nosso rincão da peninsula relançada com uma rapidez vertiginosa, quasi até deitar os bofes pela boca fóra. Mas este systema viajor tem o contra de occasionar vertigens, vágados terriveis, candêas nos olhos a ponto de se vêr tudo de pernas para o ar, de se enxergarem os objectos duplicados, e de se confundirem ossos com tremossos.

D'aqui resultou que a snr.<sup>a</sup> Ratazzi escreveu simplesmente,

a proposito de impressões de viagem, uma mentira de 400 paginas, aliás, faça-se-lhe justiça, com a *verve* e o *espirito* de todas as procedencias do salão e da tasca. Foi sem duvida por isso que escreveu em francez, a lingua do mundo em que se mente mais *sans façon*, sobretudo de Voltaire para cá. (E é certo que a snr.<sup>a</sup> Ratazzi está vergonteada na arvore genealogica do philosopho de Ferney, apezar de princeza.) Não viajou, voou, e de mais a mais tomou emprestado para fazel-o, o corpo da coruja, que, se tem as azas bem envergadas, tem a pupilla demasiado convexa para vêr bem de dia. Portanto, viu mal, e foi pena! Quiz corrigir a myopia, e serviram-lhe de oculos os litteraticos de ambos os sexos que coaxam no grande brejo de Lisboa, a pobre capital.

Que não viu ella? Viu que o nosso culto catholico, que as nossas cerimonias religiosas, que as nossas procissões, que as nossas reliquias agiologicas eram méra superstição. Viu que no Paço não fazem senão abrir a bocca, e inteiriçar os braços desde manhã até á noite. Viu que os nossos sinos tocam para baptisados, cazamentos, e obitos, quando na culta Italia tocam provavelmente para bailes e jantares. Viu que o insigne romancista Camillo Castello Branco traz sempre e sempre no seu alforge de *metteur en scène* um brasileiro, um galan, e uma menina em convento. Viu que Mendes Leal nasceu sem a bossa do talento, e com a bossa pronunciada de ladrão de poesias e comedias estrangeiras. Viu que Bulhão Pato nunca teve, como poeta, maiores vôos que os do gallinaceo do seu nome... *Et reliqua*. Foi o que pude lêr do livro a que me refiro. Não o percorri todo, nem a metade, porque para isso era mister estar acordado.

A idéa geral que me ficou

do tal «Portugal à vol d'oiseau», foi que a auctora orça pelo perfil de um Mephistopheles feminino, que traja sacudidamente o manto de Lola Montes, forrado com o estofa da toga de Diogenes.

E' um espirito assaz sympathico, aligeirado da importuna bagagem do catholicismo, e sobretudo *consciencioso*.

Ao deitar o livro ao almargem, perguntei a mim mesmo porque razão fallou esta snr.<sup>a</sup> tão mal de Portugal, das suas crenças, dos seus uzos e costumes, dos seus homens notaveis? Só achei uma resposta plausivel, não digo bem, plenamente satisfatoria. Eil-a: porque a tractámos, quando veio visitar-nos, com a maxima hospitalidade, e com a maxima consideração.

O leitor tenha paciencia, mas ha-de confessar que esta razão é soffrivelmente philosophica.

P.º SENNA FREITAS.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Palinodia cantada por padres apostatas.

Os jornaes de Genova publicam a seguinte carta:

Genova 30 de dezembro de 1879.

Ao senhor presidente e senhores membros do conselho do Estado da republica e do cantão de Genova.

Senhores:

Querendo ficar fiel aos principios da verdadeira Igreja de Jesus Christo, tenho a hora de vos dar a minha demissão de cura da parochia de Genova, e declaro não fazer parte da Igreja chamada *catholica liberal* que, ha algum tempo, sob o regime d'um bispo impotente, não é mais, por uma parte, do que a parodia do antigo christianismo, sem unidade de doutrina e de liturgia, e, por outra, do que o decadencia do padre ao serviço da politica inconsiderada d'um grupo de interes-

Depois de ter servido, por mais de seis annos a obra da reforma catholica com uma dedicação sufficientemente experimentada, retiro-me convencido da sua impotencia entre mãos tão pouco proprias para a fazer ter bom exito, e depois que o mesmo Estado, por seu falso liberalismo, comprometteu irremediavelmente os destinos d'ella. Todavia abandonando o meu cargo de cura, repudiando os actos d'uma administração inhabil e intrigante, e sobretudo evitando a anarchia religiosa e ecclesiastica, erigida em principio na Igreja official do cantão, minha honra me obriga a acrescentar que não cedo a nenhuma influencia e que sem deixar Genova, ali fico para o futuro, extranho a toda a lucta de seita.

Acceitac, senhores, a certeza de minha consideração a mais distincta.

G. Chavard, padre.

M. Chavard, desenganado mas não arrependido, não pode para reentrar no gremio da Igreja que ultrajou. Contudo tambem não pertendo estabelecer essa reforma religiosa em que o Estado de Genova nullogrou os seus esforços e n'isto se distingue do padre Jacintho. Mas extranho para o futuro, como elle diz, ás lutas de seita, que vae fazer do seu titulo de padre com que ainda se assigna?

A *Tribuna* de Genova, que não tem nada de catholica e que deplora a resolução de M. Chavard, toma d'aqui thema para notar que esta demissão faz «transbordar a taça das decepções de que a Igreja liberal nos tem accumulado.»

«Ah! continua insuspeita a *Tribuna*, se ao menos a demissão de M. Chavard podesse abrir os olhos aos cidadãos cegos que estão á frente d'esta Igreja! se podessem comprehender que ha muito dinheiro gasto, muitas ruinas accumuladas, e muitos templos desertos! se podessem comprehender que não se cria nada com o nada, que não tocm sido até aqui senão um esqueleto da Igreja e que a este esqueleto é preciso carne e a esta a vida, a qual dão só as convicções religiosas, a abnegação da fé, nós lastimariamos menos esta ultima demissão; mas já não temos esperanças, e, se podessemos gritar muito alto para sermos ouvidos por todos os membros do conselho superior, ecclesiasticos e leigos, nós lhes diriamos:

Dae tambem a vossa demissão.

Mas elles não nos ouviriam.»

E assim se vae desmoronando peça por peça o baralho de cartas arniado em egrejinha dos velhos catholicos, creada pelo pobre padre Jacintho, de concubiniaria memoria.

## NECROLOGIO

*Pretiosa in conspectu Domini mors Sanctorum ejus*

Depois d'uma vida cheia de virtudes, pagou no dia 27 do proximo passado o tributo que a todos é exigido o revd.º padre José Antonio Falcão, antigo abbade de Travanca. Apezar de 70 e tantos annos que contava, antes de adoecer apresentava vida e vigor para mais duração; mas o Senhor perante Quem todas as vidas estão contadas, tinha-lhe alli marcado o termo da sua.

O curto limite de um necrologio e o receio de abusar do espaço que por muito obsequio pedimos, obriga-nos com grande esforço, a colher em jardim tão bello e cultivado de muitas e variadas flores, algumas apenas. Sacerdote exemplarissimo segundo o Evangelho, possuiu todas as virtudes em grau subido; ellas reverberavam, mau grado seu, atravez da sua muita humildade e abatimento. Na caridade mostrou-se eminente, sendo os pobres as suas almas e os seus herdeiros; e dictando lhe o seu muito zelo pela gloria de Deus, que tambem era caridade e até dever o auxiliar a *definhante* imprensa catholica periodica, tão vergonhosa, ingrata, culposa, e cobardemente abandonada, ao passo que os inimigos da Igreja, e por isso nossos, se unem para cevar os seus. Elle assignava seis jornaes, dos desassombradamente catholicos, dos que só approvam o que a Igreja ensina e reprovam o que ella condemna, custando-lhe não assingnar os mais que tão denodada e desinteressadamente sustentam hasteda a Cruz, e nos defendem contra as innumeradas ciladas de nossos inimigos. Não era monos caritativo no paternal amor com que a todos acolhia e tudo desculpava; não se lembrando ninguem de jamais o ver perder aquella inalteravel placidez, e captivante affabilidade, em todo elle estampada.

Na angelical castidade, se a *vox populi* é a *vox Dei*, foi illibado. Era edificante pela sua entranhada piedade, que eram as suas delicias, e em que aproveitava os ocios e recreios, que lhe restavam do ensino moral (em que era profundo, com especialidade na Casuistica) e do confessorario, seu unico negocio e lavoura, em que arruinou a saude.

Apezar dos seus 70 e tantos deitava-se alta noite e a levantar-se, e a louvar o Senhor era o primeiro. Se de improviso lhe abriam a porta lá o surprehendam de joelhos em suas delicias com os seus livrinhos dos Sagra-

dos Corações de Jesus e Maria, ou com o seu rosario de cujos cultos era propagador incansavel.

Dois factos com que sellou a ultima pagina do rico livro da sua vida terreste bastarão para que aquelles que não tiveram a consolação de o apreciar o possam conhecer, que era amal-o. Seis horas antes de entregar sua bella alma a Deus, não houve razões que o demovessem do arrastar para fóra do leito de dores o receber reverentemente de joelhos, revestido de sobrepeliz o estola e amparado por alguns dos amigos mais proximos, Aquelle Soberano Senhor que tantas vezes se transsubstanciara gostoso em suas puras mãos.

O outro facto é que tendo fallecido á uma e cinco minutos da tarde ainda ao meio dia entouu para os assistentes o *Angelus Domini* com a oração, e antes do quarto respondia ainda ás laldainhas do officio d'agonia — ora pro me — orate pro me. *Sic transit à terra justus*. A sua alma candida desprendeu-se agradecida sem o menor esforço do seu involucro, deixando-lhe impresso o angelico sorriso da bemaventurança.

Agora, oh alma bendito do Senhor, junto do Qual piamente cremos que já estaes, ou brevemente estareis, acceptai este pequeno obulo do nosso amor e saudade, e intercedei por todos estes vossos filhos que tanto e tanto amaveis presentes, e ausentes, por todos os vossos dignissimos e virtuosos collegas, que tanto sentem a vossa morte, e sobre tudo pelo nosso dignissimo, querido e tão piedoso Superior, que tanto vos amava e apreciava, o qual bem me recodôr era de viver em outros felizes tempos, só nos quaes poderia satisfazer seus grandes desejos, porém hoje pouco ou quasi nada pôde conseguir, do muito que ambiciona; pedi tambem pelo prompto restabelecimento das ordens religiosas (por que tanto oraveis e pedicis orassem), só com as quaes rihorecerá a Religião neste Reino e só assim salvaremos as inigualhas, que por milagre ainda nos restam de nossas passadas glorias, n'estes tempos tão inglorios.

Real Collegio das Missões Ultramarinas, de Sernache do Bomjardim, 2 de Fervereiro de 1880.

UM ALUMNO.

Catholico, mas não clerical

(Continuado do n.º anterior)

V

Esta união, esta conformidade de pensamentos e acções com os sagra-

dos pastores, ou antes, com o clero, se foi necessaria em todos os tempos, na epoca presente torna-se de summa necessidade. Jámais nos seculos passados se viu, como hoje, a fé e a moral christã expostas a tantos perigos. A liberdade de imprensa, a liberdade de fallar, admittidas universalmente como conquistas do progresso moderno, teem franqueado as portas aos mais desenfreados erros. Os livros são recheados das mais horrendas blasphemias. O jornalismo impoz-se a missão de perverter todas as ideias; os theatros arvoraram-se em escolas da mais sacrilega immoralidade. Nas universidades ensinam-se as doutrinas mais monstruosas; no parlamento, os deputados, pronunciam os maiores disparates tractando-se dos pontos mais delicados de moral, religião e justiça. Nas mesmas conversações vulgares, pessoas em extremo ignorantes fallam de tudo, de historia, philo-ophia, theologia e direito, sentenciando e dogmatisando sem tino nem medida. E em meio de tão extraordinaria confusão, impossivel se torna que intelligencias um pouco cultas e instruidas se conservem livres de cair em erro ainda nas questões de maior importancia. E para nos livrarmos de cair em erro, que meio mais a proposito podemos encontrar, que estar sempre attentos aos ensinamentos da Igreja, columna e base da verdade? E quem, se não o clero, pôde ser a parte docente da Igreja?

Ao dizer que é o clero o corpo docente da Igreja, queremos dizer, que em primeiro logar está o Summo Pontifice, cabeça suprema e que por Deus fóra constituído como mestre e doutor de todos os christãos. Em segundo logar, queremos dizer o Episcopado, que, unido ao Summo Pontifice, representa aquelles a quem Jesus Christo disse: Vós outros sois a luz do mundo; vós outros sois o sal da terra (1). Em terceiro logar queremos dizer os ministros inferiores, que usando da palavra, escrevendo, ou por meio de suas obras, se conformam com o Episcopado, e com o Papa. Tudo isto constitue um magisterio seguro, livre do erro, assistido por Deus para a conservação e propagação da verdade e da justiça. E' d'elle, pois, que deve inspirar-se todo o catholico para julgar de tudo aquillo que tenha relação com a verdade e os bons costumes.

Hoje mais que em outro tempo deve todo o catholico ser clerical,

(1) *Ecclesia Dei vivi, columna et firmamentum veritatis. Ad Tim. III, 15.*

se por clerical se entende este affecto, esta união para com o clero; a não ser assim, cairá nos mais funestissimos erros

Olhae todos aquelles que se van-gloriam de ser catholicos não clericos. Não achareis um só entre elles que não tenha o espirito eivado das maiores falsidades acerca dos deveres religiosos do homem, da liberdade civil e politica, das relações entre a Igreja e o Estado, e de outras muitas cousas de summa importancia.

(Continúa).

*Civiltá Catholica.*

### o clero na camara dos deputados

DISCURSO DE S. EX.<sup>a</sup> R.<sup>m</sup> o SR. DR. PIRES DE LIMA, NA SESSÃO DE 28 DE JANEIRO.

O SR. PIRES DE LIMA: — Pedi a palavra e vou usar d'ella para renovar a iniciativa de um projecto de lei, e ao mesmo tempo solicitar do governo differentes informações.

Começo pelo projecto de lei.

V. ex.<sup>a</sup> sabe e a camara não ignora que tive a honra de governar o bispado de Aveiro durante largos annos.

Por experiencia conheci então que a tabella ali vigente para regular os emolumentos e salarios dos empregados do auditorio e camara ecclesiastica, deficiente n'uns pontos, era pouco clara n'outros.

Os inconvenientes que d'aqui resultavam eram tão obvios e tão claros que não podiam escapar á minha intelligencia.

O contador via-se muitas vezes seriamente embaraçado pois que ou se encontrava diante de uma disposição confusa ou tinha de recorrer ao costume, á tabella judicial, ou ás tabellas de outros bispados.

D'aqui o arbitrio, a confusão, e os motivos para reclamações nem sempre infundadas.

Para obviar a estes inconvenientes emprehendi uma reforma n'este ramo de serviço como havia emprehendido e levado a cabo reformas n'outros que estavam entregues ao meu cuidado e vigilancia. Não cheguei, porém a realizar o meu intento porque tropecei com um obstaculo grande.

Quanto a mim as faculdades de governador do bispado não me davam direito a eu substituir a tabella antiga por uma tabella nova.

Uma tabella de emolumentos é uma lei tributaria; e o decretar impostos é

atribuição exclusiva do poder legislativo

Foi por isto que elaborei um projecto de lei que tive a honra de submeter ao exame e deliberação da camara electiva em 1878.

Não insisti então pela sua approvação porque um motivo de melindre pessoal obstava a isso. Não queria de maneira alguma que aquelles que não me conhecessem bem, podessem suppor que eu usava do mandato que os meus constituintes me tinham conferido para pugnar pelos direitos do povo n'esta casa, não para servir o bem publico, mas para servir o meu bem particular.

Esta consideração hoje porém, já não impera no meu espirito.

Não tenho hoje a honra de governar o bispado de Aveiro, e estou no firme proposito, na resolução inabalavel de nunca mais governar bispado algum. Posso portanto desassombrada e desafogadamente renovar a iniciativa do meu projecto, e ao mesmo tempo insistir e insistir muito para que elle seja approvado e convertido em lei.

O meu fim é acabar com o arbitrio que ha n'este assumpto, assumpto em que o arbitrio é mais perigoso do que em qualquer outro, visto como se trata dos dinheiros dos contribuintes.

Não pareça a v. ex.<sup>a</sup> e á camara que este objecto seja de somenos importancia. Não é.

E' verdade que peço a approvação d'esta tabella unicamente para o bispado de Aveiro, mas tenho para mim como certo que desde que for convertido em lei o meu projecto, outros bispados hão de adoptal-a.

E quando a tabella que proponho, contenha disposições que mal se accomodem com os usos e circumstancias especiaes de algumas dioceses, espero que os prelados levados pelo meu exemplo solicitarão dos poderes legislativos a approvação de outra que possa ser observada nas suas respectivas dioceses.

E' por isso que mando para mesa a seguinte nota.

(Leu.)

Já que estou com a palavra, permitta-se-me que eu solicite algumas informações de que preciso. Passo a ler o primeiro requerimento. (Leu.)

Já o anno passado pedi estas informações, que não me foram enviadas. E digo isto sem o mais pequeno espirito de censura. Sei que a secretaria do ultramar não possuia então esses esclarecimentos. Tem decorrido porém já muitos mezes, e estou convencido de que a secretaria agora estará habilitada para satisfazer a minha curiosidade. É por isso que renovo o meu requerimento.

O fim que me propouho conseguir é

habilitar-me para novamente tratar de um assumpto de que me occupei no anno passado, isto é, do estado do elemento religioso nas provincias ultramarinas. Não se assuste porém v. ex.<sup>a</sup> e a camara.

Conheço bem o logar onde estou, e se a minha saude e as minhas forças m'o permittirem, hei de tratar do elemento religioso nas colonias, mas não hei de discutir os dogmas do catholicismo. Sei que estou em um parlamento, e não em um concilio. (Apoiados).

Creia a camara que não hei de seguir o exemplo que nos deu hontem o sr. Rodrigues de Freitas, ao qual peço desculpa de me referir n'este momento.

V. ex.<sup>a</sup> e a camara sabem que tenho a maior estima e o maior respeito pelo sr. Rodrigues de Freitas. E estes sentimentos que me animam para com s. ex.<sup>a</sup>, não datam de epocha recente, são antigos.

Respeito o talento robusto e muito culto do illustre deputado pelo Porto. (Apoiados), presto sincera homenagem, sobre tudo, á elevação do seu character moral. (Apoiados,) que seria admiravel em qualquer epocha, mas que é sobretudo admiravel na epocha actual em que abundam tanto os characteres falsos. E quando digo isto, fallando do sr. Rodrigues de Freitas, não emprego phrases sem as sentir, não quero fazer figuras de rhetorica, digo isto porque é a expressão sincera do meu pensar e do meu sentir, porque apesar de divergir de s. ex.<sup>a</sup> em muitas cousas, não influe essa divergencia no respeito que tributo aos dotes e predicados de s. ex.<sup>a</sup>, que são muito elevados e de muito subida valia. Esse respeito porém em nada imperará no meu espirito para que eu siga n'esta casa o caminho que s. ex.<sup>a</sup> seguiu hontem.

Hei de tratar do elemento religioso no ultramar, mas encarando-o pelo lado administrativo, pelo lado financeiro, pelo lado politico e pelo lado social, mas não entrarei nunca no exame dos pontos doutrinaes das nossas crenças consideradas em si mesmas, porque é isso deslocado e improprio das discussões d'esta assembléa. (Apoiados)

É grande a omnipotencia parlamentar, mas essa omnipotencia não vae tão longe que confira a alguém n'esta casa o direito de examinar as crenças dos povos, que nos mandaram aqui para defender os seus direitos e zelar os seus interesses temporaes, e não para discutir as convicções religiosas que tem a grande maioria dos portuguezes hoje como as tem tido durante os sete seculos da monarchia portugueza.

Nós estamos, não em uma academia theologica, mas n'uma assembléa politica. Não podemos portanto discutir aqui os artigos do symbolo; e, quando

tivéssemos o direito de os discutir, a prudencia mandaria que nos abstivéssemos de o fazer.

Vivemos tranquilla e socagadamente, sem que entre nós se hajam levantado as luctas religiosas, que em outros paizes têm causado perturbações profundas e deixado atraz de si um rasto grande de sangue.

Se vivemos em paz, se estas questões não surgem naturalmente, para que provocal-as? (*Apoiados.*) Quando tivéssemos direito de as levantar, entendendo que era conveniente não as levantar. E quando alguém se lembrasse d'isso, não devia estreiar-se pela maneira por que o fez hontem o sr. Rodrigues de Freitas.

S. ex.ª é um orador que n'esta casa pôde ser tomado como modelo.

Ninguem estuda as questões com mais consciencia, ninguem as trata com mais elevação, ninguem as expõe com mais cordura na linguagem, ninguem é mais tolerante para com todos e para com tudo.

Nós todos que estamos n'esta casa temos convicções politicas diametralmente oppostas ás de s. ex.ª, e s. ex.ª dirige-se a todos e a cada um de nós sempre com o maior respeito para com as nossas crencas politicas.

Esta é a regra geral que s. ex.ª segue inalteravelmente. Quando porém se trata de assumptos religiosos, o sr. Rodrigues de Freitas abre uma parenthesis nos seus habitos parlamentares, e faz uma excepção á sua norma constante de proceder.

Em todas as questões s. ex.ª é grave, é serio; quando porém se refere a um assumpto religioso, o aspecto de s. ex.ª muda completamente, e ao canto dos labios não tarda de apparecer-lhe logo o sorriso zombeteiro.

Em todos os debates n'esta casa o sr. Rodrigues de Freitas apresenta só argumentos frios, que se dirigem á intelligencia, para a esclarecer o allumiá; mas, quando trata de objectos religiosos, s. ex.ª põe de banda argumentos e razões e só encontra e só nos offerece ironias graciosas e epigrammas mordazes e pungentes.

Foi o que nós vimos hontem, quando s. ex.ª, a proposito de umas questões administrativas quaesquer, nos fallou desdenhosamente de infallibilidades, e referindo-se ao papa, o chamou um pobre homem, sem se lembrar que esse pobre homem, além dos predicados pouco communs que o distinguem, sempre é a final de contas o chefe espirital de 260.000.000 de almas. (*Apoiados.*)

Se eu me referisse a Washington ou a Thiers com a facilidade com que s. ex.ª se referiu ao papa, de certo que o illustre deputado se havia de abespinhar bastante.

Não ha cousa alguma no mundo, por mais respeitavel e santa que seja, que não possa ser mettida a ridiculo, quando se desfigura um pouco.

O sr. Rodrigues de Freitas não crê em infallibilidades. Tambem eu, quando se trata de assumptos puramente scientificos. Mas ninguem ainda se lembrou de afirmar que haja na igreja uma auctoridade competente para resolver de modo seguro as questões de mathematica, de physica, de chimica, de economia politica ou quejandas. O caso é outro e bem differente.

Não ha, não pôde haver verdadeira associação religiosa sem haver unidade de crencas, e essa unidade de crencas é impossivel sem uma auctoridade que, em primeira e ultima instancia, defina quizes artigos doutrinaes se devem acreditar e quizes se devem rejeitar. Na igreja catholica ha essa auctoridade, que de um modo infallivel declara qual é a doutrina de Christo, e qual a que falsamente se lhe attribue. Rejeitar este principio é deixar de ser catholico. Sem este principio, nem o catholicismo se podia comprehender, nem a igreja sustentar. Onde está aqui motivo para zombarias?

O sr. Rodrigues de Freitas pretende mutilar o catholicismo, rejeitando alguns dos seus artigos, que são sempre dogmas para a consciencia, quer os reconheça, quer os não reconheça o poder civil. Lamento o meu illustre amigo, e só lho peço que ao menos deixe em paz os que querem erer, e não perturbe nem offenda com as suas risadas as crencas dos seus compatriotas.

Eu não discuto mais este assumpto. Fui obrighndo a fallar n'elle para responder ás palavras que por incidente proferiu o sr. Rodrigues de Freitas.

V. exc.ª e a camara comprehendem bem que n'esta conjuntura o meu silencio seria pelo menos reprehensivel. (*Apoiados.*) Mas prometto não me occupar mais d'este e outros assumptos analogos n'esta casa, por que aqui não é logar proprio para tratar d'elles.

E visto como estou com a palavra mando tambem para a mesa outro requerimento.

(*Leu.*)

Recebi hontem uma carta de Mosambodes, queixando-se de varios attentados que, contra a vida e a propriedade dos nossos compatriotas estabelecidos n'aquelle districto, hão sido praticados, durante tres compridos annos, por uns povos chamados *mondombes*.

Não conheço o signatario da carta, não sei se são verdadeiras ou falsas as suas affirmativas. Por isso peço a v. exc.ª que se digne requisitar os

documentos officiaes que requireo, para, á vista d'elles, poder formar a minha opinião e interpellar o governo, se o caso o merecer.

Na carta tambem se falla do procedimento dos *boers*; mas a este respeito não peço por ora informações, porque é uma questão pendente e só depois da sua resolução é que poderia fallar sobre o assumpto desassombradamente.

Por enquanto só peço informações acerca dos *mondombes*, como disse; e se me parecer conveniente ou necessario annunciarei uma interpellação a este respeito, depois de estudar o assumpto.

E desde já peço desculpa aos meus collegas do ultramar, cavalheiros muito distinctos que eu preso e respeito, por querer metter fouce em seara que á primeira vista parece alheia. Apesar de eu ter sido eleito por um circulo do continente, considero-me para todos os effeitos como representante do paiz. (*Apoiados.*) Apesar de não ter sido eleito pelo ultramar, penso que me corre o dever e me assiste o direito de pugnar pelos interesses dos nossos compatriotas de alem-mar.

E desde já declaro a v. ex.ª o á camara que se a minha saude e as minhas forças me permittirem, hei de tratar largamente das questões do ultramar n'esta casa. Para mim é ponto assentado que não podem nem devem continuar no estado vergonhoso em que se acham ha longuissimos annos, as nossas provincias ultramarinas. E' uma vergonha para Portugal, é uma vergonha que a Europa até agora tem tolerado, mas que não pôde nem deve tolerar actualmente em detrimento da civilisação, (*Apoiados.*) o atrazo das nossas possessões colonias.

Se eu poder, hei de tratar largamente das questões do ultramar.

No momento actual é importante a pasta da fazenda, mas talvez a do ultramar, não o seja menos. Do cuidado que tivermos pelas nossas colonias pôde depender em grande parte a conservação da posse que n'ellas temos, e dos melhoramentos que n'ellas introduzirmos poderão advir recursos abundantes e valiosos para o nosso minguido thesouro.

Uma razão especial me obriga a volver a minha attenção para estes assumptos.

Já n'esta assembléa tenho fallado varias vezes das questões ultramarinas e com mais extenção e pausa no anno passado.

As provas de consideração que por este motivo me deram os nossos compatriotas de alem-mar não as posso esquecer eu, e reprehensivel seria o meu procedimento, se a ellas conres-

pondesse com o silencio e com a mudez.

No campo da politica, a gratidão é planta exotica rarissima de encontrar. Desprezal-a, quando se depara com ella seria falta e falta grande.

Pouco poderei fazer, mas ao menos darei documento de boa vontade. Não me esquecerei dos que (phenomeno raro!) se lembraram de mim, n'uma epocha em que tão facilmente costumam ser esquecidos os serviços e sacrificios que se fazem na vida publica. (Apoiados)

Tenho concluido.

VOZES: — Muito bem, muito bem.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### O transformismo

(Conclusão).

Voltando á discussão sobre os limites da variabilidade, fica pois assente que a semelhança entre individuos representantes d'um mesmo typo especifico é apenas relativa; por outros termos, que a especie é susceptivel de modificações importantes e um pouco indeterminadas.

A *variedade* e a *raça*, diz Quatrefages, não são outra coisa senão a expressão d'esta variabilidade, accusando-se por caracteres individuais na primeira, hereditarios na segunda.

Pelo contrario a idea de semelhança é o proprio fundamento da *raça*, pois que variando os caracteres, forma-se uma nova raça ligada á especie por intermedio de todas as raças que primeiro appareceram.

Por isso toda a raça faz parte da especie de que é derivada, e reciprocamente toda a especie comprehende, independentemente dos individuos que conservaram os caracteres primitivos do grupo, t dos aquelles que pertencem ás raças primarias, secundarias, terciarias, derivadas do typo fundamental.

Mas quando nos propoímos determinar a especie, a noção de filiação é muito mais precisa que a de semelhança, sendo por isso os phenomenos physiologicos, como já n'outra parte dissemos, de muito maior importancia do que os morphologicos.

Os sabios trabalhos de Flourens assentam em termos claros e conclusentes as leis que presidem á fixidez das especies.

Todos os individuos d'uma mesma especie podem cruzar-se e o seu cruzamento é continuamente secundo. Todas as especies d'um mesmo genero podem tambem unir-se, mas da sua

união resultam productos de fecundidade limitada, como succede ao macho, filho da ega e do jumento. A fecundidade de cada especie tomada em si é eterna, e a fecundidade das raças, por mais oppostos que sejam os caracteres morphologicos, o é tambem.

Todas as raças de cavallos são fecundas entre si e d'uma fecundidade continua; o mesmo succede com todas as raças de vegetaes e animaes.

O proprio Darwin confessa que não conhece caso algum bem comprovado de esterilidade nos cruzamentos de raças domesticas animaes, e, attentas as grandes differenças de conformação, que existem entre algumas raças de pombos, de avos-domesticas, de porcos, de cães, diz que este facto é assás extraordinario e contrasta com a esterilidade que é tão frequente entre as especies naturaes, ainda as mais visinhas, quando se cruzam.

A hybridação apresenta, porém, alguns phenomenos excepcionaes que poderiam fazer crer á primeira vista que entre certas especies as cousas se passam como entre raças, podendo por isso obter-se *raças hybridas*.

Nós, pela falta de espaço, não podendo analysar os muitos e irrefragaveis argumentos que adduz Quatrefages, consubstanciaremos a sua doutrina.

As raças, simples desmembramentos d'um typo especifico, estão physiologicamente unidas entre si e com o typo que lhes deu nascimento.

Este liame physiologico é evidente na facilidade e fecundidade das uniões entre raças as mais differentes de formas, na persistencia da fecundidade entre os mestiços e nos phenomenos do *atavismo*. (1)

Entre especies não existe o liame physiologico, d'onde resulta a extrema dificuldade e infecundidade habitual das uniões, a esterilidade da maior parte dos hybrids, os phenomenos de *variação desordenada* e *lei do retrocesso* aos typos geradores.

As raças mestiças formam-se facilmente, espontaneamente, fóra da acção do homem e até contra sua vontade; pelo contrario, o homem, apesar de innumeraveis tentativas ainda não pôde obter senão uma raça hybrida, que conta um numero limitado de gerações, conservada á custa de incessantes e minuciosos cuidados da sua parte.

Taes são os factos geraes e positivos, confirmados por milhares de experiencias e observações, e que sob o ponto de vista physiologico bastam

(1) O atavismo dá-se quando algum ou alguns individuos d'uma raça reproduzem os caracteres d'um dos seus avoços primitivos.

para estabelecer uma distincção profunda e fundamental entre a raça e a especie, servindo ao mesmo tempo de criterio pratico para as distinguir.

A existencia da especie não é, pois, como diz Wagner, uma concepção abstracta adoptada pelos physiologistas sythematicos; mas sim um circulo de formas historicamente vedado a seres distinctos; não é uma expressão convencional para facilitar as classificações, mas sim um grupo estabelecido pelo proprio Creador, como diz Guthlin.

Se ha verdade palpavel n'uma sciencia positiva é, sem duvida, a existencia das especies.

O homem apenas traduz por palavras o que observa na natureza.

O erro dos transformistas está em confundirem as raças, que são indefinidamente variaveis, sem que deixem de ser fecundas, com as especies, que são por sua natureza fixas, immutaveis e limitadamente fecundas.

A propria razão bem confirma o axioma da fixidez das especies.

Que confusão não seria a do reino animal e vegetal se a cada passo se produzissem novas especies?

Que variedade infinita, que anarchia inextricavel, onde qualquer classificação seria impossivel o a fauna e flora d'um seculo de todo differente das d'outro seculo!

Ainda bem que o raciocinio, a observação e a historia provam o contrario; o que ainda parece pouco aos cegos de nascimento.

A infecundidade entre as especies exerce no mundo organico, diz Quatrefages, uma função quasi analoga á que exerce a gravitação no mundo sideral.

Conserva a distancia zoologica ou botanica entre as especies, do mesmo modo que a attracção mantem a distancia phisica entre os astros.

Ambas têm suas porturbações, seus phenomenos inexplicados.

Ha todavia alguém que ponha em duvida o grande facto que fixa no seu lugar o ultimo dos satellitos assim como os soes? Não. Póde-se por isso negar o facto que assegura a separação das especies as mais visinhas bem como as mais afastadas? Igualmente não.

Em astronomia, seria regeitada sem mais analyse toda a hypothese em opposição com o primeiro.

Ainda que a complicação dos phenomenos seja muito maior em botanica e em zoologia, o estudo serio conduzirá sempre a repellir toda a doutrina em desacôrdo com o segundo.

A arte humana poderá conseguir resultadas que parecerão a principio oppôr-se ás regras da hybridação; mas

nem por isso se terá mudado a lei natural e geral, nem demonstrado que não existe.

E não é só com relação á nossa época e aos tempos relativameete modernos que tem applicação o que dizemos.

Apezar do que tem de incompleto os conhecimentos da paleontologia, esta sciencia tem já progredido bastante para se poder afirmar a existencia da especie nos mais antigos periodos zoologicos.

Ora, o grupo fundamental dos dous reinos organicos apparece n'estas idades remotissimas com todos os caracteres morphologicos que observamos em volta de nós. já relativamente fixo, já mais ou menos variavel, já merecendo o epitheto de polymorpho, sem ir mais alem do que hoje vemos em certos molluscos e esponjas.

Quando se tem reunido um numero sufficiente de exemplares, reconhece-se a existencia de variedades e de raças agrupadas em torno da forma especifica fundamental, egualmente como se nos occupassemos de seres contemporaneos.

Nada contradiz estes testemunhos tão positivos.

As especies fosseis são tão determinadas e distinctas como as especies actuaes.

Tudo nos leva, pois, a concluir que as leis que regem o mundo organico bem como o inorganico são hoje as mesmas que outr'ora; e que, desde os tempos palcontologicos, o cruzamento entre hybridos e mestiços estabelece a relação entre especies e raças, como actualmente succede.

Admittir que podia ser d'outro modo já regular, já accidentalmente, é oppôr a tudo o que nós sabemos sobre o presente e o passado do nosso globo, o possível, o desconhecido, por outros termos, a hypothese que toma por ponto de partida a nossa propria ignorancia.

Não sei se os leitores do *Progresso Catholico* têm tida a benevolencia de me acompanhar n'este rapido esboço do transformismo, no qual, arimado a auctoridades insuspeitas e competentissimas, procurei demonstrar a inanidade das provas em que se estriba a tão encomiada conquista do pensamento moderno; é certo, porém, que esta questão tem hoje toda a importancia porque é baluarte em que se tem entrincheirado os inimigos da fé para mais a coberto lhe despedir tiros de emboscada.

Os livros de biologia, de anthropologia, de linguistica, de archeologia prehistorica, de sociologia e tuti quanti a sciencia da moda tem propaga-

do com o pomposo titulo de *Philosophia contemporanea* ou de *Bibliotheca das sciencias contemporaneas*, fallam com grande entono do transformismo como sendo o fio de Ariadna para penetrar os mais complicados problemas scientificos, sem o auxilio da velha maquina d'um Deus Creador e Providente.

Mas como conciliar a arrogancia dos nossos adversarios com os fundamentos de areia sobre que constroem os seus castellos de pura phantasmagoria?

Será porque o erro cega como a paixão?

Eu entendo que o maior serviço que se podia prestar á causa da verdade era atacar o inimigo no proprio campo e com as mesmas armas de que elle se serve.

Ah! quem me dera um Bossuet que estudasse as multiplicadas variações da razão independente?

Cada um pensa a seu modo, cada um architecta a sua theoria ainda a mais abstrusa e opposta ao senso commum; mas nem por isso deixa de fazer adeptos que batam as palmas ás palavras do mestre.

E a duvida infiltra-se a pouco e pouco, e a sociedade cae nas voraçens d'um realismo sujo e grosseiro, como unico termo de suas aspirações.

Ha tempos, fallando com o illustradissimo redactor do unico periodico exclusivamente scientifico e catholico que possuímos, ouvi com prazer da sua bocca que brevemente começaria a publicação d'um estudo sobre o darwinismo.

Disse com prazer, porque não ha coisa que mais me punja do que vêr tantas capacidades como nós temos, deixarem o campo franco aos inimigos da Igreja para a retaliarem e insultarem em nome d'uma falsa sciencia.

Sinto que a falta de tempo e de competencia não me permittam dar mais largas ensanchas a estes assumptos; fiquem ao menos como um protesto vivo da minha submissão á verdade una e invariavel.

Não são convicções de badalo, mas filhas do estudo e da reflexão.

P.º F. SANCHES.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A CIGANA

POB

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

IV

(Continuado do n.º anterior)

A creada particular de D. Antonia nada exsagerara dizendo que sua ama se achava em peor estado.

Semi-deitada nas fôfas almofadas, deixava ver a doente as faces estremamente incendidas, os labios secos e os olhos tão vivos que bem mostravam quão grande era a febre, que a devorava. Não fallava; de seus labios apenas algumas palavras se ouviam, entre-mejadas de profundos suspiros, como se um sonho doloroso a atormentara.

Roberto estreitou em seus braços o corpo da mãe e sentiu, ao fazel-o, ardentes e amargas lagrimas banhar-lhe as faces. Quando estava sendo preza da mais afflicta desesperação a cigana fez-lhe signal para que se contivesse e guardasse o mais profundo silencio; e aproximando-se do leito, examinou com gravidade a enferma e derigindo-se de novo a Roberto pediu-lhe que mandasse trazer uma flor chamada *passionaria*.

E como Roberto mostrasse estranhar uma tal requisição repetiu com insistencia:

—Manda, senhor; manda que me tragam essa flor porque vossa mãe está enferma da alma.

Roberto fctou absorto a pobre jovem, nos olhos da qual lhe queria parecer havia alguma cousa sobrenatural, e aproximando-se da porta ordenou a um creado que fosse ao jardim e trouxesse a flor pedida por Edmunda,

—Senhor, disse esta passados alguns instantes de silencio; tenho tanta fome, que não deveis estranhar que vos pessa um bocado de pão.

—Pobresinha! pensou Roberto; nem d'isso me lembrava já! E vendo entrar o creado com a flor, mandou que fosse dar de ceiar á pequena.

—Isso não, replicou ella com firmeza; não sairei de ao pé da senhora enquanto ella não esteja de todo

aliviada e m'o ordene. Por emquanto é este o meu lugar.

E tomando a flor da mão do creado, disse-lhe com certo imperio:

Traz-me um bocado de pão e quejo; tenho quatorze annos, e ha doze que não como outra cousa.

O creado rindo-se estupidamente d'aquella estranha creatura, permanecia immobíl como uma estatua; mas Roberto que o observava fez-lhe um signal imperioso que o obrigou a ir boscar a ceia para a cigana.

Esta collocou o flor sobre as almofadas do leito com o maior cuidado, e ao lado da cabeça de D. Antonia; cruzou sobre o peito os braços e rezou em voz baixa algumas orações; orações que não interrompeu nem mesmo cõin a chegada do creado, portador do pão e do quejo que havia pedido.

Terminado que foi o seu rezar, tomou a bandeja de prata, sentou-se no chão, collocando-a sobre os joelhos; partiu um pequeno bocado de pão e outro igual de quejo e principiou a comer muito de seu vagar.

—Então! não tens vontade de comer? perguntou Roberto, que principiava de sentir em sua alma juvenil uma certa sympathia pela cigana.

—Tinha muita fome, senhor! respondeu ella, fictando-o com uma infinita expressão de gratidão. Quando eu pedi pão, é porque me sentia morrer de fome; desde que a Violanta me quiz matar, teem passado muitas horas, e durante ellas nada comi.

Edmunda ao pronunciar estas palavras estremeceu profundamente.

Roberto não podia separar os olhos d'ella apezar da penosa preocupação que lhe causava o estado de sua mãe; comprimida no estreito circulo da vida domestica, a sua imaginação de creança sentia-se agora vivamente impressionada por aquella creatura extraordinaria, tão grave, tão digna em meio da sua mesma miseria, em meio dos farrapos que a cobriam.

E' que Edmunda era digna de chamar a attenção não só de uma creança como Roberto, mas até do ser mais indifferente. De estatura um pouco elevada, frauzina e nervosa; com uns pés de uma pequenez pasmosa e, coitados! completamente nus; os cabellos negros, espessos e naturalmente ondados, destendiam-se-lhe pelas costas em longas tranças, e emolduravam-lhe a frente como duas faxas de ebano brilhante, seus olhos, grandes e rasgados, eram negros tambem, e a tez, um pouco morena, era fresca e d'uma soavidade que bem se parecia ás folhas doiradas d'uma formosa flor.

Pobrisimo era o seu traje: compunha-so dos restos d'uma saia curta de seda azul, desbotada e muito ve-

lha, mas cheia de bordados, de galões e lentejoulas; uma jaquetinha de veludo negro de mangas curtas, deixava ver uns braços morenos, mas tambem torneados que um pintor se os imitasse teria feito a sua melhor reputação; sobre o peito cruzava-se um pobre lenço de cambraia, sobre o qual realçavam admiravelmente seus formosos cabellos negros.

Depois que comeu com a maior tranquillidade entregou ao creado a bandeja que continha o pão e o quejo; dirigiu se depois á janella, abriu-a de par em par deixando penetrar no quarto o ar tibio e perfomado d'aquella formosa noite de junho.

D. Antonia ao sentir na fronte, abraçada pela febre, aquella brisa pura e consoladora, pareceu respirar mais livremente; porém levou a mão ao peito, como se sentira n'elle uma dor agudissima.

—Doe-lhe o coração; disse Edmunda com lastimoso acento. Sim, doe-lhe o coração, e é preciso que en procure alivial-a.

Estas palavras foram ditas como fallando consigo mesma, e depois, voltando-se para Roberto acrescentou:

—Haverá uma guitarra para que ao vibrar de suas cordas eu possa cantar á senhora uma canção?

Sim, contestou Roberto; eu mesmo possuo uma.

—Dae ordem para que a tragam e vereis vossa mãe aliviada.

Roberto levantou-se, e foi elle mesmo ao seu quarto boscar a guitarra.

Tão preocupado estava que apenas despensou ao peregrino um rapido olhar, ainda que foi o bastante para se sertificar que dormia nos braços d'um somno tranquillo e reparador.

Tomou a guitarra e voou com ella ao quarto de sua mãe.

Edmunda, em pé junto ao leito da enferma, entertinha-se, depois de haver tirado a touca de crespon, em lhe atar os cabellos grisalhos com suas mãos sinhas morenas.

A adusta physionomia de D. Antonia parecia haver-se suavizado um pouco ao ver junto de si aquella encantadora creatura, e houve um instante em que algumas lagrimas vieram empanar o brilhar febril de seus encovados olhos.

—Julia! murmurou tristemente D. Antonia, passando o braço enfraquecido em volta do collo torneado da cigana.

—Chama minha irmã, disse Roberto.

—Tendes uma irmã, senhor? e onde está que a não vi ainda?

—Minha irmã morreu, respondeu o jovem com melancolia; morreu quando era ainda muito creança.

—Antes assim, replicou Edmunda com ar de convencimento.

Antes assim?

—Sim! se morreu menina estará no ceu! Oxalá quizera Deus que eu morresse agora que sou creança, que não passaria mais fome, nem sede, nem estaria mais na companhia da Violanta, que tanto me batia.

Ao pronunciar estas palavras, pelos olhos de Edmunda deslizaram duas lagrimas, que enchogou sorrindo, tomando em seguida a guitarra das mãos de Roberto.

—Como é forinosa esta guitarra! disse a cigana fixando-a com admiração; comparada com a minha, que é velha e feia. . . com esta vou de certo cantar melhor.

E assim fallando, deixou vagar seus dedos pelas cordas, executando um brilhante harpejo, e apoz alguns minutos de uma triste e doce melodia, cantou o seguinte:

Yo nací de la union cariñosa (\*)  
del aura y la flor,  
y retrato en mi faz generosa  
la paz y el amor.

Las canciones del ave parlara  
yo sé descifrar,  
y copió su armonía hechicera  
mi dulce cantar.

Soy gitana, de negro cabello,  
de risa gentil,  
y á mi tez le prestó su destello  
la rosa de Abril.

Se rezar á lá reina del cielo  
con fé sin igual,  
porque es fuente de todo consuelo  
su amor celestial.

Por los tristes le ruego constante  
con hondo fervor  
y le ruego que dé al caminante  
consuelo y favor.

Caminante, mi pobre señora,  
rindote el afan.  
Camiñante llegné yo á deshora  
pidiendote pan.

Ah, descança! que vela tu sueño  
mi fiel gratitud!  
ya te muestra el camino risueño  
la santa virtud!

(\*) Receiando, com a traducção, tirar toda a poesia que encerram estes versos de notavel escriptora hespanhola, offrecemol-os aos leitores no idioma do original.

Las heridas del alma afigida  
mi amor curará,  
la esperanza que viste perdida  
aqui tornará.

De la muerte la faz temerosa  
ahuyenta mi amor ;  
que naci de la union cariñosa  
del aura y la flor.

Edmunda calou-se, e aquella voz pura e melodiosa, foi-se pouco e pouco perdendo, como se perdeim os eccos d'uma harmonia celestial. E a enferma, escutava com avidez esse canto, que se perdia, enquanto Roberto se julgava transportado a um mundo melhor do que aquelle em que vivera até então

A jovem, apenas terminou um mavioso harpejo com que poz termo á formosa canção que cantara, depoz a guitarra sobre uma meza, e escutou D. Antonia que assim lhe fallava :

—Quem és, minha filha ?

—Sou Edmunda, a cigana; respondeu a pequena com a maior doçura e naturalidade.

—E, onde está meu filho ?

—Não sei se é vosso filho o cavalleiro que aqui me conduziu, respondeu Edmunda, voltendo os olhos para o sitio onde se achava Roberto; mas se é, ali está.

Roberto, aquem chamara um gesto de Edmunda, aproximou-se de sua mãe e abraçou-a ternamente.

—Da-me de beber, meu filho, murmurou D. Antonia com debil voz.

Edmunda, mais desembaraçada que Roberto, correu junto do velador, tomou um vaso com tizana e aproximou-o dos labios da enferma, que a bebeu com um prazer admiravel.

Depois adormeceu.

Passado pouco tempo, a cigana, sendo á fadiga que d'ella se apoderara, deixou pender a formosa cabeça sobre as almotadas do leito da enferma, não tardando o innocente sono da infancia a cobri-la com suas protectoras azas.

Roberto contemplou-a um instante: aquella cabeça, tombada sobre as alvissimas roupagens do leito, destacava-se com os seus cabellos negros, que em abundantes madexas a contornavam.

Lembrou-se então Roberto do pobre mendigo, e chamando Izabel, recomendou-lhe sua mãe e foi saber d'elle.

(Continua).

## A educação clerical e Mr. Renan.

São excellentes as seguintes considerações que Ernesto Renan, um dos maiores inimigos da Egreja, faz nos seus *Souvenirs d'enfance* sobre a educação dos sacerdotes. O auctor falla dos dias felizes que passou no seminario (de S.<sup>ta</sup> Briene) e diz :

«Um clero sério, desinteressado, honesto, velava sobre a conservação das creanças. Estes dignos sacerdotes foram os meus primeiros preceptores espirituaes e é a elles que eu devo tudo quanto de bom em mim possa existir. Cada uma de suas palavras era para mim um oraculo. Era tal o respeito que tinha a meus mestres, que antes dos dezaseis annos, quando vim para Pariz, jámais tive a menor duvida acerca do que me diziam.

Depois tive outros mestres, ainda que sob outro ponto de vista, respeitaveis e doutos tambem; mas não conheci outros mais benereveis, e é por isto, talvez, que ha alguma discordia entre mim e meus amigos. Tive a ventura de conhecer a virtude; sei o que é a fé e conservo d'aquelle tempo passado uma preciosa experiencia.

Sinto, finalmente, que a minha vida é constantemente governada por uma fé que já não tenho. A fé tem esta particularidade: mesmo depois de haver desaparecido, ainda obra.

A graça sobrevive com o habito ao vivo sentimento que d'elle tivemos. Continuamos a fazer machinalmente aquillo, que já faziamos em espirito e verdade. Desde que Orpheu, perdido o seu ideal, foi feito pedaços pelas Menades, a sua lyra não sabia dizer outra cousa que: Euridice! Euridice!

A regra dos bons costumes era o ponto sobre que estes bons padres mais insistiam, e tinham razão, porque a sua conducta era irreprehensivel. Os seus sermões sobre esta materia, fizeram em meu animo tal impressão, que foi o bastante para me conservar casto toda a minha juventude. Estas praticas tinham alguma cousa de solemne que me fazia passar. Alguns trechos fizeram-me tal impressão, que ainda hoje os não posso recordar sem terror.

Umaz vezes era o exemplo de Jonatas que morria por haver gasto um pouco de mel.

Outras vezes o prégador pronunciava estas palavras com voz profunda: *Tetigiise persisse.*

Isto levava-me a fazer infinitas reflexões. A minha infancia passava-se n'esta grande escola de fé e respeito, e a maior dôr da minha vida foi

o entristecer estes veneraveis mestres »

R. D'A.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

### SUMMARIO :

O sr. Rodrigues de Freitas a blasphemar em plena camara; os padres comprindo o seu dever; sustos e tonterias d'um diario lisbonense.—Uma proposta iniqua apresentada nas camaras francezas; um deputado combate-a inergicamente.—Ainda o attentado contra um padre catholico em Londres.—A Conferencia de S. Vicente de Paulo, no Porto.

Em meio da representação nacional, sob as abobadas da casa onde se reúnem os deputados d'um povo catholico, soltou um d'elles as maiores blasphemias que já mais foram escutadas dentro d'aquellas paredes.

O blasphemo foi o sr. Rodrigues de Freitas, deputado pela cidade da Virgem, republicano, segundo a sua declaração e.....atheu.

Sempre é bom apresental-o aos leitores tal qual elle é.

Leiam as palavras do *illuminado* deputado do Porto e passem, não tanto da ouzalia d'elle como do silencio guardado pelos que o levaram a S. Bento, quando deveram protestar em altos brados contra o procedimento baixo e indigno d'un representante que, esquecendo-se do mandato que lhe outorgaram, vae defender os principios d'uma escola sua, negando os dogmas da Egreja, insultando a maioria dos que o elegeram, redicularisando o que elles mais prezam.

Falla o notavel orador :

Eu, que não creio em infallibilidade alguma sobre a terra, eu que não sei que sobre este pobre globo haja alguém que possa ter o privilegio da infallibilidade ainda que os proprios concilios o decretassem.

Isto pôde dizer-se n'esta camara, isto podem dizel-o até os catholicos portuguezes.

O *illuminado* não sabe o que é ser catholico. Não era mau dar-lhe a cartilha do Abbede de Salamonde, porque é una vergonha um deputado não saber a doutrina.

Continúa :

«Não é esta a occasião de fallar dos meus principios religiosos; mas a camara sabe que para os portuguezes não ha dogma da infallibilidade do

Papa, nem da Immaculada Conceição ; as nossas côrtes ainda não admittiram esse dogma.»

Então quando as cortes o admittirem acredita o sr. Rodrigues de Freitas na infallibilidade, e no dogma da Immaculada Conceição? Só por isto valia bem apenas de formar das cortes portuguezas um concilio! Foi para isso, talvez, que o governo principiou este anno a fazer padres deputados.

Mas os padres nem todos são da mesma escola a que pertence o sr. Rodrigues de Freitas, e a prova temol-a no modo como repelliram as palavras de s. ex.<sup>a</sup>.

E tão dignamente se saíram alguns, que um jornal de Lisboa, o *Commercio de Portugal* julga já a liberdade em perigo e brada com toda a força de seus amplos pulmões :

«O parlamento foi humilhado Impozeram-lhe todos os dogmas do catholicismo contra todas as conquistas da liberdade, negaram-lhe todos os direitos soberanos e inviolaveis, levaram a constituição do paiz até onde era preciso que ella chegasse, para se amoldar ás conveniencias catholicas e o parlamento portuguez não protestou unanime, a maioria parlamentar ousou pensar até, em negar a um homem livre, a um representante do povo, esclarecido e honesto, o direito irrefragavel de defender os principios liberaes.

O parlamento é o reflexo das aspirações dos povos. Ali discute-se tudo, desde as formulas do governo até ás formulas supremas do alto direito social. Do rei até Deus, se preciso fôr.»

Então se os parlamentos são o reflexo das aspirações dos povos, e sendo os povos que mandaram ao parlamento o sr. Rodrigues de Freitas catholicos, apostolicos romanos, como é que o sr. Rodrigues de Freitas foi, em pleno parlamento, dizer o contrario d'aquillo que sentem, que querem os que para lá o mandarão? Sempre o collega tem couzas!

E depois, isto de no parlamento se discutir tudo, desde a pessoa do monarcha até Deus, tem uma graça espantosa; e ou o collega não sabe o que é Deus, e n'esse caso julga-o o mesmo que a resposta ao discurso da coroa, ou a proposta do Real d'agua, que podem ali ser discutidos, ou se sabe o que é Deus e falla assim como quem não sabe o que diz, então tem em pouca conta os assignantes do *Commercio de Portugal*.

Em todo o caso, e por caridade, aconselhamos que tambem se dê á redacção do jornal em questão outro exemplar de cartilha do Abbade já apontado.

Continua o dito :

«A maioria foi intolerante. A maio-

ria sancionou o mais escandaloso dos attentados contra a liberdade de consciencia, contra os principios liberaes. Ao menos que se não diga que a imprensa liberal auctorisou com o seu silencio este agravo, que deshonra o paiz e que affronta a liberdade.»

Ora essa! Quem seria capaz de dizer isso da imprensa liberal do paiz? Mas fique descansado, collega; Cá registramos o protesto, e creia que não hade ser nada. E' apenas o susto.

Nas camaras francezas continua a questão do ensino. Os republicanos puros querem ainda mais do que lhe dá o sr. Ferry, e é para obter esse mais que o sr. Camillo Sée apresentou uma proposta que estabeleça a obrigação de internar as meninas em collegios pagos pelo Estado.

Esta proposta foi brilhantemente combatida por varios membros da camara, sendo-o primeiramente pelo sr. Keller nos seguintes termos :

«Esse plano de ensino, disse o deputado na sessão do dia 19, quer separar a igreja da escola; quer desenvolver o monopolio do Estado; quer favorecer a creação de uma especie de clero secular do livre pensamento; tem por fim estabelecer collegios de meninas á custa do Estado, excluindo toda a educação religiosa e recrutando as alumnas por meio de pensões pagas pelos contribuintes, como se não estivessem contentes com as mulheres da França, que consideram más cidadãs de uma republica radical, e permanecendo n'um deploravel abaixamento intellectual e moral.

Toda a historia protesta contra semelhante asserção; as mulheres christãs é que fizeram da França a primeira nação do mundo, e os livres-pensadores querem agora reduzi-la á condição de uma das ultimas: os innovadores deviam considerar que se dirigem a nossas esposas e a nossas mães. Em 1793 declarou-se que os filhos pertencessem primeiro á Republica do que aos paes, sustentando-os á custa do Estado. Quereis volver a esse tempo? Mas lembrai-vos de que a mesma Convenção reprimiu essas doutrinas nefastas. Quereis substituir a moral religiosa pela moral republicana; e para subtrahir as meninas á influencia christã estabeleceis internatos gratuitos, onde o ensino religioso só possa ser dado pelo sacerdote, sob a vigilância da superiora e quando as familias o queiram. Podeis tambem introduzir o systema de Lakanal, a celebração das festas patrioticas pelo canto e pela dança. A vossa moral republicana ex-

clue a existencia de Deus e a immortalidade da alma.»

A'cerca do attentado contra um padre na igreja de S. Pedro, em Londres, de que já fallamos no passado numero, encontramos mais os seguintes detalhes, no *Tablet* :

«O facto diabolico prepetado em Londres, deve causar horror a todos os catholicos.

Todos os actos do assassino provam que tinha mais odio a Deus, tal qual se acha nos altares do que ao padre sobre que desparou, por isso que depois de desparar cinco tiros, dos quaes se livrou o padre milagrosamente, arroubou o Sacratio e lançou por terra as Sagradas Particulas.

E não contente com isto, pegou fogo aos ornamentos do altar, causando um panico espantoso em todos os que estavam no templo, muito especialmente quando, com ares ameaçadores, se mostrava de revolver e adaga em punho.

Um outro sacerdote pôde domar a fereza do assassino, sem que outra cousa houvesse a lamentar além do desacato.

Os medicos provaram que o assassino não estava louco. As armas eram novas e o adaga tinha a ponta envenenada.

Findamos esta revista, transcrevendo do nosso collega da *Palavra* o seguinte :

«Realizou-se na segunda-feira passada a sessão extraordinaria d'esta Conferencia, (de S. Vicente de Paulo) conforme fôra annunciado n'este jornal.

Tomou a presidencia o snr. José Maria Alves, servindo de secretario o exc.<sup>m</sup> snr. Duarte Huet; foi lida e approvada a acta da sessão passada, estando presentes vinte e tantos snrs. Conferentes.

Em seguida o dignissimo snr. Presidente convidou a tomar a palavra ao rev.<sup>m</sup> snr. Padre Senna Freitas, que se achava presente, e a rogo do qual a Conferencia se havia reunido n'este dia; accedendo gostosamente ao pedido, prometteu S. Rev.<sup>m</sup> entreter a attenção por alguns instantes, discursando sobre a caridade christã; o que desemponhou esbalmente com a proficiencia e profundo saber que todos lhe reconhecem

Desenvolveu perfeitamente o interessante assumpto da grande distincção

que existe entre caridade e beneficencia, devendo aquella ser toda modesta, occulta e despretenciosa segundo os preceitos evangelicos; sendo pelo contrario, a beneficencia ostentadora e vaidosa, o que lhe tira todo o merito aos olhos de Deus.

Recommendou inais a persistencia no caminho encetado, a fim de que a santa obra da Conferencia progrida, e se desenvolva visto que d'ella saheem tão bons frutos devendo todos nutrir a esperanza de que continuará desenvolvendo-se com ajuda de Deus, e a protecção do Santo Padroiro. Explicou e desenvolveu os meios de realisar a caridade principiando pela recommendação da assiduidade ás sessões, e o rigoroso cumprimento dos outros preceitos dos estatutos.

Por ultimo, a santificação dos Conferentes foi objecto que s. rev.ª tratou de tal forma que a todos commoveu e deixou edificadas. O sr. Presidente levantou a sessão com as orações que ordena o estatuto, e depois de feita a collecta do costume.

J. DE FREITAS.

## ULTIMAS PUBLICAÇÕES

### I

MEMORIA HISTORICA E DESCRIPTIVA DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO NO PORTO. COM AS VIDAS DOS SANTOS CUJAS IMAGENS COSTUMAM SER CONCUZIDAS NA SUA PROCESSÃO DE CINZA. ORDENADA POR B. PINTO DE MATTOS. Porto, Manuel Malheiro, editor. 1. vol. porto. de 100 paginas - 200 rs.

Este pequeno livro, como do seu titulo se depreheende, é uma collecção de curiosidades historicas que muito devem apreciar os amadores. Faltou-nos o tempo para o ler detida e seguidamente, mas a julgar pelo que os nossos afazeres, nos deixarão ler, podemos dizer, sem receio de nos enganar, que é um livro digno de ser manozcado, e por isso digno tambem de ser adquirido por todos os que gostam de saber a origem dos melhores estabelecimentos de caridade, etc. etc.

Agradecemos a offerta e recommendamos o livro como merece.

Vende-se na rua do Almada, 123. Porto.

### II

O AMOR DOS AMORES, por Henrique Perez Escrich, traducção de J. Cruzeiro Seixas, obra illustrada.

Recebemos o 1.º volume d'este romance, que em segunda edição acaba

de publicar a Empreza do Cura d'Aldeia. Da rapida leitura que d'ello fizemos quer-nos parecer, que o auctor do *Martyr do Golgotha*, não deixou de dar a este livro as finas cores com que costuma opulentar os seus quadros. De mais, o assumpto presta-se a scenas magnificas—o amor dos amores!

O amor de persi, só, sem mais nada assumpto é já para magnificas e espantosas cousas, quanto mais tratandose do amor dos amores!

Aconselhar, pois, a sua leitura, de preferencia á de outros romances, que por ali abundam, é dever nosso, dever a que não nos furtaremos, assim como ao de agradecer ao editor a offerta.

### III

BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA. N.º 8 — AGOSTO 1879 — COIMBRA.

Agradecemos a remessa d'esta publicação de que varias vezes nos havemos occupado.

### IV

ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DE BENEFICENCIA E CARIDADE, DA FREGUEZIA DE CEDOFEITA.

Agradecendo os ex. com que fomos brindados, não podemos deixar de ao mesmo tempo louvar, como merece, a illustro commissão que fez e reviu este trabalho, e chegou a fundar uma tão sympathica instituição.

### V

SANTA THEREZA DE JESUS. REVISTA MENSAL.

Recebemos o n.º 88 d'esta excellente publicação feita em Barcellona, sob a protecção de varios prelados de Hespanha. Em nada desmerece do que d'ella dissemos ao receber o n.º anterior: artigos de sã doutrina, repletos de caridade christã sem deixarem de ser escriptos em linguagem amena.

Agradecendo ao seu director o presente n.º, repetimos o pedido de nos ser enviado o n.º 86, favor que desde já agradecemos.

### VI

O MEDICO ILLUSTRADO. REVISTA DE SCIENCIAS E LITTERATURA, LISBOA — 1.º N.º

Annunciamos a appareição d'este novo collega que vem ao campo do jornalismo combater em nome da sciencia.

Bem vindo seja e que longos annos de vida lhe contemos.

Traz um retrato photographico d'um medico illustre o dr. Manuel Bento de Souza, e alguns artigos, que não podemos ler ainda. Em quanto o não fazemos lemitamo-nos a agradecer a visita.

### VII

MARAVILHAS DA CREAÇÃO OU HISTORIA E DESCRIPÇÃO ILLUSTRADA DOS ANIMAES.

Recebemos a folha 12 do 2.º v.º d'esta curiosissima publicação feita em Lisboa. Continua com a descripção dos Mamiferos.

Agradecemos.

### VIII

LA ILLUSTRACION ESPANOLA Y AMERICANA.

Recebemos o n.º 4.º d'esta excelente publicação illustrada que vê a luz da publicidade em Madrid, e que rivalisa com as de igual genero que se fazem em outros paizes.

Sahe 4 vezes por mez e custa 40 pesetas ao anno.

A. TEIXEIRA.

A ROMA

pelo P.º Martins Capella

AOS LEITORES

Quando demos principio á publicação d'este importante trabalho, devida á penna d'um dos mais illustrados collaboradores d'esta Revista dissemos desde logo, que erão alguns capitulos que offertavamos aos leitores; mas muito resolvidos a dar toda a viagem a Roma. Aconteceu, porém, que, quando o auctor nos entregou um masso espantoso de papel manuscripto, já depois de haverem sido aqui publicados alguns capitulos, vimos, e vimos muito bem, que era impossivel fazer sair tudo no *Progresso Catholico*.

E é impossivel por que nem em dois annos estaria tudo concluido, o que sobre maneira infastiaría os nossos amaveis leitores.

Não, senhores, dissemos nós, a *Viajem a Roma* não sairá nas columnas do *Progresso*, mas vai ser publicada em um formoso volume, e posto á disposição dos assignantes do *Progresso Catholico* com um abatimento consideravel no preço avulso.

Dispomo-nos desde já a tomar os nomes d'aquelles senhores que quizerem possuir esta obra que entrou no prelo.

O preço será de 500 reis, mas para os assignantes do *Progresso Catholico* custará apenas 360 reis, franco pelo correio.

O volume terá mais de 300 paginas.